

Mulheres e migrações

1. Dados principais

Dos 191 milhões de migrantes internacionais recenseados em 2005, contam-se 94,5 milhões de mulheres, cerca de metade do total. Hoje, em numerosos países, as mulheres representam a maioria dos imigrantes, em particular na América do Norte, na Europa, no Médio Oriente e na Oceânia. Em 2005, as mulheres representavam, em todas as regiões do mundo, a maioria dos imigrantes, com excepção em África e no mundo Árabe. A partir do início dos anos 90 a feminização dos fluxos migratórios acentuou-se. Durante muito tempo a migração das mulheres efectuou-se no quadro do reagrupamento familiar. Hoje, na sua maioria, e à semelhança da migração dos homens, esta tem como objectivo o trabalho.

As mulheres representam ainda, em numerosos países, a grande maioria dos emigrantes, particularmente na Ásia e na América latina. Em 2002, o número de mulheres a emigrar do Sri Lanka foi duas vezes superior ao dos homens. Entre 2000 e 2003, as mulheres representaram cerca de 80% do total dos emigrantes indonésios. Em 2005, mais de 65% dos 3000 emigrantes quotidianos filipinos eram mulheres. A mesma tendência tem sido observada na América latina: em 2001, 70% dos emigrantes brasileiros e dominicanos que rumaram a Espanha eram mulheres. Os países da região dos Andes enviam contingentes de mulheres para a Europa em número muito superior ao dos homens. Da mesma forma, as mulheres representam ainda 70% dos migrantes latino-americanos que têm como destino Itália.

Quanto ao capítulo das migrações forçadas, as mulheres representavam, em 2005, metade dos 12,7 milhões de refugiados existentes no mundo.

2. Principais destinos

Ao contrário das ideias generalizadas, as migrações do tipo Sul-Sul (migrações regionais e de longa distância) são mais numerosas que as migrações do tipo Sul-Norte. Assim, 2 milhões de migrantes asiáticos trabalham em países vizinhos dos seus. O mesmo acontece nas migrações africanas, com a excepção de alguns países como Cabo Verde, onde as migrações transoceânicas são tradicionalmente maioritárias. A maioria dos migrantes africanos a sul do Sahara (47% dos emigrantes africanos) desloca-se dentro dos limites da sua região.

As migrações femininas do tipo Sul-Sul de longa distância são igualmente muito importantes. Os países do Golfo representam um dos principais destinos para os emigrantes asiáticos. Desde 1995,

estima-se que 800 000 mulheres asiáticas emigram anualmente para o Médio Oriente. Um milhão de mulheres da Indonésia, das Filipinas e do Sri Lanka trabalham na Arábia Saudita.

Apesar destes dados, as migrações femininas do tipo Sul-Norte são cada vez mais numerosas, sendo as mulheres maioritariamente requisitadas na quase totalidade das profissões de cariz social.

3. Rendimentos económicos dos migrantes

Para numerosos países, o repatriamento dos salários femininos constitui uma das principais receitas em divisas. No final dos anos 90, os salários femininos representavam 62% do montante total do repatriamento salarial para o Sri Lanka. Um terço dos 6 000 milhões de Dólares repatriados anualmente para as Filipinas provém de mulheres emigradas.

Se é verdade que a quantia enviada pelas mulheres é muitas vezes inferior àquela enviada pelos homens, uma vez que as profissões “femininas” são, na maior parte das vezes, menos bem remuneradas que as dos homens, todas as fontes indicam que tanto as migrantes internacionais como as nacionais (essencialmente mulheres que emigram para as zonas urbanas) enviam uma proporção mais elevada do seu salário que os homens. As mulheres originárias do Bangladesh que trabalham no Médio Oriente repatriam, em média, cerca de $\frac{3}{4}$ do seu salário. 56% das quantias provenientes desses repatriamentos são investidas nas necessidades quotidianas das famílias, bem como na saúde e na educação.

Efectivamente, constatou-se que uma proporção dos repatriamentos de origem feminina (percentualmente superior às dos homens) é dedicada às necessidades sanitárias, educativas e sociais das populações que beneficiam destas transferências.

4. Profissões “femininas”

A maior concentração das trabalhadoras encontra-se nas profissões menos remuneradas ou ocupam níveis inferiores nas hierarquias profissionais. As mulheres são ainda maioritárias nos sectores mais precários, como o trabalho doméstico ou nas actividades do sector informal, expondo-as particularmente aos abusos. Em todos os países de acolhimento, as mulheres trabalham maioritariamente em profissões do ramo da saúde ou como auxiliares domésticas.

Auxiliares domésticas

60% das migrantes latino-americanas são auxiliares domésticas no país de destino. Em Espanha, 70% da totalidade das imigrantes são empregadas nesse sector. A proporção é equivalente para as etíopes e somalis que trabalham em Itália. O envelhecimento da população da Europa ocidental aumenta consideravelmente a oferta nesse sector. As mulheres são também maioritariamente auxiliares domésticas nos países do Médio Oriente, da Arábia Saudita ao Líbano. Nos Emiratos Árabes Unidos, cada agregado familiar tem em média 3 domésticas que são, na maior parte dos casos, estrangeiras.

Profissões de saúde

A procura europeia e norte-americana de enfermeiros explodiu ao longo dos últimos anos. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a Grã-bretanha necessitará em 2008 de mais 25.000 médicos e de mais

250.000 enfermeiras do que em 1997. Os E.U.A. terão que satisfazer uma necessidade de mais de um milhão de cargos de enfermeiras até 2020. O Canada e a Austrália registam também um importante défice nesse sector.

A maioria da procura é satisfeita pela chegada de recém licenciados vindos de países do Sul. No Gana, em 2000, as enfermeiras que deixaram o país representaram o dobro daquelas que se licenciaram nesse mesmo ano. 85% das enfermeiras filipinas em serviço trabalham no estrangeiro. Apesar desses licenciados repatriarem a maior parte do seu salário, a emigração de licenciados representa uma enorme perda a vencer para os países de origem e insere-se na tendência dramática da “fuga de cérebros”, largamente encorajada pela política de imigração selectiva dos países de acolhimento.

5. Exploração e discriminação das mulheres migrantes

As mulheres migrantes são particularmente vulneráveis à exploração, às discriminações e aos abusos. Muitas delas estão particularmente expostas à violência, a condições de trabalho precárias e, cada vez mais, ao comércio do sexo.

Violência por parte dos empregadores

Na maior parte dos países de acolhimento, em particular no Médio Oriente, o passaporte é retirado às empregadas domésticas no exacto momento da sua chegada, tornando-as, assim, totalmente dependentes dos seus empregadores. Muitos deles não lhes atribuem nenhum salário e mantêm-nas num autêntico cativeiro. Sem qualquer recurso, vêm-se obrigadas a trabalhar 7 dias por semana, sem horário, sendo, algumas delas, ainda submetidas a graves brutalidades, podendo chegar mesmo à violação e à tortura.

O tráfico de mulheres

O comércio do sexo e a exploração dos migrantes clandestinos representa, hoje, a terceira fonte mundial de rendimentos ilícitos, a seguir às armas e à droga. O tráfico internacional de seres humanos envolvia cada ano entre 600 mil a 800 mil pessoas, das quais 80% das vítimas são mulheres.

As principais regiões de origem das trabalhadoras clandestinas, maioritariamente destinadas pelos traficantes à prostituição, são o Sul e Sudeste asiático, os países da ex - União Soviética e da Europa central. A maior parte destas migrantes forçadas são enviadas para países vizinhos aos seus. A Turquia torna-se assim a principal “cliente” para as prostitutas da Europa oriental. Os principais destinos internacionais são os E.U.A., a Europa ocidental e o Médio Oriente.

As outras formas de exploração clandestina são o trabalho forçado na agricultura e nas indústrias manufactureiras. As migrações de mulheres com vista a casamentos forçados estão também a aumentar, principalmente na Ásia (Tailândia e Coreia do Sul).

Mulheres refugiadas

As mulheres são particularmente vulneráveis a qualquer forma de violência. A maioria das habitantes dos campos de refugiados foram vítimas de violação. A partir dos anos 90 as violências sexuais tornaram-se numa verdadeira arma de guerra. Estando na origem de gravidezes forçadas, de lesões

genitais particularmente graves e da propagação do vírus da SIDA entre a população feminina refugiada e deslocada.

6. Legislação insuficiente e pouco adaptada

As legislações e as políticas migratórias não consideram, na maior parte dos casos, os problemas específicos das mulheres migrantes, uma vez que as estatísticas desagregadas por sexo são pouco numerosas e parcelares.

Para as mulheres casadas, as legislações nacionais fazem, em geral, depender o seu visto do dos seus maridos. As mulheres não detêm qualquer autonomia e, em caso de divórcio, ficam quase sempre em situação ilegal. As legislações também não prevêm protecção específica para os abusos cometidos sobre as mulheres domésticas.

As legislações respeitantes ao direito de asilo raramente enquadram especificamente a discriminação sexual. No entanto, a situação tende a alterar-se. Em 2002, o Alto-Comissário para os Refugiados (HCR) afirmou que o direito de asilo devia ter em conta os pedidos relacionados com violência sexual, particularmente, com a violação, as mutilações genitais, os crimes de honra e a violência doméstica.

Algumas referências:

FNUAP, *Vers l'espoir, les femmes et la migration internationale*, Etat de la population mondiale 2006

OIT, *Preventing Discrimination, Exploitation and Abuse of Women Migrant Workers; Information Guide*, Gender Promotion Programme, 2003

Martin, S. F., *Women and Migration*, Consultative Meeting on Migration and Mobility and How This Movement Affects Women, 24 December 2003, CM/MMW/2003/WP.1, 14 January 2004, UN Division for the Advancement of Women

Report of the UN SecretaryGeneral, *International Migration and Development*, UN.Doc.A/60/871, 18 May 2006

Report of the UN SecretaryGeneral, *Trafficking in Women and Girls*, 2004

UNIFEM, *Human Rights Protection Applicable to Women Migrant Workers*, A Briefing Paper, 2003

UNIFEM, MFA Sweden, UNESCAP, "Promoting Gender Equality to Combat Trafficking in Women and Girls", Report of ASEM Seminar, 79, October 2002

UNPFA/ IOM, *Female Migrants: Bridging the Gaps Throughout the Life Cycle*, Selected Papers of the UNPFA/ IOM Expert Group Meeting, New York, 23 May 2006